

Notícias da batalha

Ivan Leão*



A batalha do conteúdo local chegou ao fim na fase da definição para a 14ª rodada de licitações de petróleo e gás. Prossegue na isenção da multa (*waiver*) por não cumprimento do conteúdo local para a plataforma de produção de Libra, com audiência pública marcada pela ANP para 30/3/2017. O único vencedor é o desejo do governo de atrair investimentos das petroleiras.

O Ministério de Minas e Energia e o Ministério de Indústria, Comércio Exterior e Serviços definiram os índices de conteúdo local para produção de petróleo em alto-mar: 18% na fase de exploração; 25% na fase de desenvolvimento (perfuração de poços); 40% na fase submarina de escoamento; 25% para as plataformas estacionárias de produção.

A indústria local, representada pela Produz Brasil por intermédio de 14 instituições de classe, informa sua insatisfação. Os índices de 25% de conteúdo local se aplicam à construção de plataformas de produção de petróleo em alto-mar, onde se concentra a maior parcela dos fornecimentos. Haverá impacto para uma estrutura local de fornecimento que realizou com sucesso a integração de módulos, com prazo e preço.

Examinando bem, é uma batalha sem vencedores. Como fato positivo fica a demonstração de que a indústria é capaz de mobilização. Mas o resultado demonstra que a competitividade da indústria é uma questão ainda a ser endereçada. A reação foi tardia ante a decisão anunciada em 2015 de contratar as próximas plataformas no exterior. As petroleiras foram beneficiadas pela situação em que se encontram o governo e a Petrobras, com baixa capacidade de investir.

As proposições do IBP como o fim da participação obrigatória da Petrobras, melhor relação com a Pré-sal Petróleo S.A. (PPSA) e o aperfeiçoamento do conteúdo local foram endereçadas e atendidas. Mas muitas das alegações de atrasos na entrega de equipamentos e aumento de custos também ocorreram em fornecimento contratados na Ásia.

O caso ainda pendente para o *waiver* de Libra refere-se à maximização do lucro.

O Instituto Brasileiro de Petróleo (IBP), apresenta na sua página na internet o gráfico da evolução do preço do petróleo, acima de US\$ 55 o barril em 2017 e projetando, até 2020, de US\$ 55,7 na hipótese mais conservadora e US\$ 79 o barril na previsão da International Energy Agency (IEA).

O vice-presidente da Deloitte, John England, em evento para executivos e associados do IBP, no início de fevereiro, informa que as petroleiras aprenderam a lidar com o atual patamar de preços e hoje há um otimismo no mercado. É uma afirmação que enfatiza a visão técnica do Consórcio de Libra, ao reconhecer que as petroleiras já trabalharam com preços do barril do petróleo inferior a US\$ 30, em 2004.

Em entrevista em Londres, a petroleira portuguesa Galp informa aumento de 48% da sua produção mundial de petróleo em 2016, 60% obtidos no Brasil. Nos campos em que participa com a Petrobras, quatro plataformas de petróleo entraram em produção, com integração de módulos realizadas localmente, duas no estaleiro Brasa, para a SBM, e duas com integração de módulos no estaleiro BrasFELS, para a Modec.

A Modec estima, em apresentação sobre o mercado mundial de plataformas, uma demanda de 30 unidades: 10 na África; 10 na Ásia-Pacífico; sete no Brasil; três no Golfo do México. Portanto, é importante que a indústria local permaneça com contratos para realizar aperfeiçoamentos, redução de custos e formação de recursos humanos.

O ideal é não perder uma visão ampla da questão. Para a indústria local, o debate vai além do conteúdo local. Envolve as questões da inovação e da competitividade que não estão só restritas ao custo Brasil. Essa é uma batalha que continua. ■

*Diretor da Ivens Consult